



QUEM NÃO TRABALHA, NÃO COME: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS ALIMENTARES DA POPULAÇÃO PERIFÉRICA DO RECIFE ATRELADOS À CRISE DO TRABALHO

Maria Carolina França da Costa ¹
Vinicius Souza Barros de Freitas ²

RESUMO

A modernização do campo, associada ao avanço do latifúndio e do agronegócio, provocou transformações significativas na produção de alimentos e na alimentação da população global. O desenvolvimento tecnológico e a industrialização mobilizaram massivamente trabalhadores rurais para as cidades, caracterizando o êxodo rural, e contribuíram para a formação das grandes metrópoles e suas periferias, espaço onde a reprodução da vida tornou-se crítica, especialmente em momentos de crise do trabalho, onde, nesse contexto, a fome opera como uma consequência direta das relações capitalistas, em que a alimentação cotidiana depende da venda da força de trabalho. Sendo assim, a pesquisa busca analisar como a crise do trabalho molda os hábitos alimentares da população periférica do Recife, considerando o impacto da financeirização no cotidiano alimentar. Diante do aumento da fome no Brasil, compreender esses impactos contribui para refletir criticamente sobre os efeitos do capitalismo sobre a alimentação e a vida cotidiana das populações negra, pobre e periférica. Por fim, a pesquisa foi ancorada no método materialismo histórico-dialético, contando com a realização de trabalhos de campo e entrevistas, bem como de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, por meio da leitura de livros e artigos científicos.

Palavras-chave: Financeirização, Agronegócio, Fome, Reprodução Periférica, Alimentação.

RESUMEM

La modernización del campo, asociada al avance del latifúndio y del agronegócio, provocó transformaciones significativas en la producción de alimentos y en la alimentación de la población global. El desarrollo tecnológico y la industrialización movilizaron massivamente a los trabajadores rurales hacia las ciudades, caracterizando el éxodo rural, y contribuyeron a la formación de las grandes metrópolis y sus periferias, espacios donde la reproducción de la vida se volvió crítica, especialmente en momentos de crisis del Trabajo, en los cuales el hambre actúa como una consecuencia directa de las relaciones capitalistas, en las que la alimentación cotidiana depende de la venta de la fuerza de Trabajo. Así, la investigación busca analizar como la crisis del Trabajo moldea los hábitos alimentarios de la población periférica de Recife, considerando el impacto de la financeirización en la vida alimentaria cotidiana. Ante el aumento del hambre en Brasil, comprender estos impactos contribuye a reflexionar criticamente sobre los efectos del capitalismo en la alimentación y en la vida cotidiana de las poblaciones negra, pobre y periférica. Finalmente, la investigación se basó en el método del materialismo histórico-dialéctico, contando con la realización de trabajos de campo y entrevistas, así como con una investigación bibliográfica de carácter cualitativo, mediante la lectura de libros y artículos científicos.

Palabras clave: Financiarización, Agronegocio, Hambre, Reproducción Periférica, Alimentación.

¹ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mariacarolina.francaaufpb@gmail.com;

² Mestrando do Curso de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, vinicius.souzauf@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

A modernização, que tecnificou o campo, junto ao avanço do latifúndio e do pacote do agronegócio, produziu drásticas mudanças na forma de se alimentar da população global. O desenvolvimento dos meios produtivos no campo, atrelado à industrialização e urbanização dos países periféricos do globo, mobilizou grandes contingentes de força de trabalho do campo para as cidades no século XX, tidas como a grande promessa de “mudança de vida” para os trabalhadores rurais — conceito que a geografia costuma chamar de êxodo rural. A expulsão da força de trabalho dos meios de produção do campo mobilizou trabalhadores para as indústrias nas cidades, que produziram o espaço urbano das grandes metrópoles e, nelas, as periferias.

A expulsão do trabalho vivo dos meios produtivos resultou numa abundante miséria e desemprego, precarizando ainda mais os meios de vida dos trabalhadores periféricos nas metrópoles. A crise do trabalho se configura quando os trabalhadores se tornam cada vez mais descartáveis, ou “supérfluos” (Kurz, 1996 e 1999), e a reprodução da vida torna-se ainda mais agravada para aqueles que não têm dinheiro. É nesse encalço que podemos entender como a fome é produzida.

Perante a produção em larga escala de alimentos, impulsionada pelo avanço tecnológico no campo, o processo opera retirando a autonomia dos povos sobre o que, como e quando plantar e colher. O acesso ao alimento passa a depender da venda da força de trabalho dentro das engrenagens do sistema capitalista de produção — para aqueles que não têm trabalho, não há comida. Sendo assim, podemos entender a fome como uma das dimensões da violência econômica, que atinge diretamente os trabalhadores de forma generalizada.

As mudanças na forma de produzir alimentos no campo modificaram completamente a relação que a população tinha com a comida, forçando-a a desenvolver estratégias e a enfrentar desafios para sobreviver nessa realidade em crise. É nesse cenário que ocorre o aumento do consumo de ultraprocessados no regime alimentar das famílias brasileiras. Ou seja, agora consumir alimento não significa mais ingerir componentes básicos para uma alimentação saudável e nutritiva. A comida industrializada consumida é mais barata e prática no ato de cozinhar — tudo o que o sistema econômico dominante acredita ser fundamental nesse mundo onde a acumulação capitalista tem, cada vez mais, assumido seu caráter bárbaro e espoliativo. Nesse contexto, o trabalhador tem permanecido cada vez menos em casa, devido ao alto grau de exploração do trabalho que recai sobre esses indivíduos.



Em vista disso, tornou-se crucial questionar como a modernização dos meios de produção do campo tem precarizado as diversas maneiras de se alimentar da população periférica da cidade do Recife? Para responder a essa questão, analisou-se como as longas jornadas de trabalho influenciam os hábitos e as estratégias alimentares da população periférica da metrópole do Recife. Para atingir tal objetivo, foi necessário compreender o processo de crise do trabalho no cotidiano dos trabalhadores no urbano, investigando as diferentes condições alimentares da população periférica da cidade do Recife e o impacto da financeirização no hábito alimentar da população, examinando as condições de trabalho, o regime alimentar, bem como as principais estratégias adotadas pelos trabalhadores para garantir a alimentação diária, incluindo o consumo de alimentos ultraprocessados, a participação em programas sociais e em redes de solidariedade comunitária.

Portanto, devido ao aumento da fome no Brasil (Rede PENSSAN, 2022) e, consequentemente, na cidade do Recife, a pesquisa torna-se relevante, na medida em que pode subsidiar reflexões e proporcionar um maior entendimento sobre o alimento enquanto uma mercadoria e seus impactos no cotidiano alimentar das pessoas na metrópole. Diante desse cenário, a pesquisa contribui não apenas para fortalecer o discurso anticapitalista, mas também para analisar criticamente a forma de se alimentar nesta sociedade, atravessada pela fome, de maneira mais severa, na vida dos sujeitos periféricos, que buscam traçar estratégias de resistência para sobreviver em um mundo em crise.

METODOLOGIA

A pesquisa contou com a realização de trabalho de campo, além de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, por meio da leitura de livros e artigos científicos. Sendo também consideradas notícias jornalísticas sobre o tema. A trajetória acadêmica dos autores também contribuiu de forma significativa para as reflexões e interpretações desenvolvidas ao longo do texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escalada tecnológica no pós segunda guerra mundial transformou as relações de produção de alimentos (Pereira, 2012), mudando drasticamente a forma de se alimentar da população global devido ao processo de modernização do campo. A Revolução Verde teve como consequência o esvaziamento populacional do campo para o domínio do agronegócio e

uma grande mobilidade de trabalho para a construção das cidades e a formação de grandes metrópoles, como promessa de mudança nas “condições de vida” da população.

Robert Kurz (1996) argumenta que o desenvolvimento tecnológico aumenta a produtividade, mas com o objetivo de gerar lucro para as empresas. As empresas do agronegócio produzem commodities como ativos financeiros para mercados futuros, onde o alimento produzido no modelo do agronegócio não mais tem a ver com as necessidades básicas de reprodução da vida humana, mas de multiplicar dinheiro em mais dinheiro. O alimento, dissociado de sua função objetiva, culmina em uma profusão de fome e miséria em escala global, sendo a lógica fundante do terceiro mundo (Davis, 2022).

No Brasil, o agronegócio tem se apresentado como uma nova forma de imperialismo no campo, onde essa nova forma de produção, amparada por uma avançada tecnologia, tem garantido o monopólio da terra de grandes empresas internacionais. “O agronegócio é um modelo de produção e gestão resultante da associação do capital agroindustrial nacional e internacional com a grande propriedade fundiária” (Delgado, 2012 apud Mitidiero e Goldfarb, 2021, p.5). Em *O Agro não é tech, o Agro não é pop e muito menos tudo*, de Marco Mitidiero e Yamila Goldfarb (2021), é possível determinar, por meio de dados que essa nova forma de produzir, além de não ser produtiva, gera dívidas que são financiadas até mesmo perdoadas pelo governo brasileiro. Ou seja, no final, quem paga essa conta é o trabalhador.

De acordo com Kurz (1998), mesmo com a descoberta de novas técnicas e o avanço tecnológico no campo, por meio do sistema produtor de mercadorias, isso não se reflete no bem-estar da população no que diz respeito à questão alimentar. A falácia de que essa economia de mercado ofertaria alimentos em abundância para a população já não é tão difundida como anteriormente, visto que no desenrolar das décadas o que aconteceu foi o contrário, desmentindo a ideologia de mercado. A história do mundo, desde o século XVI, revela que a era moderna foi responsável pelo maior surto de escassez de alimentos, propondo-se, em certos momentos, a melhorar a provisão mundial de alimentos, mas com a consequência de que, nas décadas seguintes, houvesse uma expansão da fome e da desnutrição mundial (Kurz, 1998).

Se, por um lado, a civilização moderna elevou a produtividade para além de todos os limites imagináveis, por outro, submeteu a uma alimentação miserável ou mesmo aos tormentos da fome um número de pessoas sem precedentes, tanto em termos absolutos quanto relativos (Kurz, 1998).

As forças produtivas relacionadas à produção liberal e globalizada de alimentos cresceram demasiadamente em comparação com o aumento da taxa demográfica no mundo, tornando possível alimentar a população de forma abundante. Porém, “o limite social da produção e da distribuição de alimentos não é determinado por rendimentos agrícolas



insuficientes em relação ao contingente populacional, mas pela forma econômica do moderno sistema produtor de mercadorias (Kurz, 1998)”. Para ter acesso ao alimento, as forças de trabalho dos sujeitos precisam ser utilizadas de maneira rentável, caso contrário, tornam-se supérfluas para o processo de acumulação capitalista (Kurz, 1998).

A lógica de mercado se apresenta bastante cruel quando o assunto é a produção de alimentos — em momentos de supersafra, nos quais há grande disponibilidade de determinadas variedades alimentícias, grandes quantidades de mercadorias agrícolas são queimadas com o intuito de regular os preços no mercado (Kurz, 1998). Essa prática ainda está presente no contexto atual do agronegócio, embora também haja a prática da desnaturação do alimento por meio de processos industriais, os quais ocasionam a redução de ingredientes básicos e necessários, com o intuito de torná-los mais rentáveis (Kurz, 1998). A comida industrializada encena ter uma qualidade que na verdade não possui, sendo responsável pelo surgimento de doenças e infecções relacionadas ao regime alimentar da população.

“Da mesma maneira perversa que o mercado produz o fenômeno da fome, é ele próprio que reage a essa situação, com sua indústria suplementar de ‘complementos alimentares’, na forma de vitaminas, minerais etc. (...) (Kurz, 1998)”, componentes esses que deveriam estar naturalmente presentes na alimentação. A baixa qualidade dos alimentos em prol da maximização do lucro tem feito a população pós-moderna ingerir substâncias que o camponês da Idade Média não ofereceria nem mesmo aos porcos, segundo Robert Kurz (1998).

Por seguinte, o início do século XXI tem sido marcada pelo avanço da financeirização ao longo da produção agrícola globalizada, se mostrando presente ao longo de todo o processo de oferta e procura, ao fornecer empréstimos a juros para a compra de maquinários, insumos químicos, sementes transgênicas, entre outros. A venda de ações de empresas de capital aberto (Delgado, 2012) também tem sido crucial para a reprodução do capital fictício no espaço agrário brasileiro. A aquisição e fusão de grandes empresas têm formado um grande monopólio alimentício dentro do setor.

A partir da década de 1970, um conjunto de fatores, como o avanço da Revolução Verde e a desregulamentação dos mercados, favoreceu a transformação dos alimentos em ativos financeiros comercializados no mercado futuro de commodities. Com isso, fundos de investimento, bancos e traders, a partir dos anos 2000, aumentaram a especulação afetando diretamente o preço dos alimentos no mundo. As consequências desse processo incluem o descolamento entre produção e consumo real, ou seja, o preço deixa de depender da safra e passa a ser definido pela especulação financeira em torno da produção. Outra consequência o

aumento da vulnerabilidade alimentar, favorecida pela especulação sobre o alimento que determina o preço dos alimentos no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pandemia da COVID-19, à medida que a fome (agora eufemizada pelo termo “insegurança alimentar”) se intensificava nos lares brasileiros – especialmente nos lares chefiados por mulheres negras no Nordeste (Rede PESSAN, 2022) – o agronegócio alcançou recordes, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em 2021. Esse recorde, com certeza, não significa um aumento na produção de comida que cotidianamente compõe o regime alimentar não só do Recife, mas de todo o Brasil. A produção de isenção de alguns impostos, bem como, ao grande privilégio e acesso a benefícios disponibilizados pelo Estado. Dessa forma, os sujeitos do campo têm deixado de produzir variedades que fazem parte da alimentação da população para se dedicarem totalmente à produção de cultivos que são comercializados na bolsa de valores, contribuindo para o aumento do preço dos alimentos nos últimos anos.

Em Recife, as empresas de hipermercados/atacarejos vinculadas a grupos com estrutura acionária, aquisições ou forte acesso ao mercado de capitais são o Carrefour/Atacadão (Carrefour Brasil), o Assaí Atacadista e o Grupo Mateus (que controla o Mix Mateus e o Novo Atacarejo). Esse monopólio alimentar integra operações de compra e fechamento de capital, sendo exemplo de varejo alimentício com capital financeiro estruturado, marcando presença no mercado de capitais e inserindo-se na lógica de fusões e financeirização. De acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS), por meio da divulgação do Ranking ABRAS 2025, estudo realizado em parceria com a NielsenIQ, pelo segundo ano consecutivo o Carrefour, o Assaí e o Grupo Mateus lideram, nesta ordem, o ranking, tendo como base o elevado faturamento dessas empresas em 2024. Esse exemplo remonta a como a financeirização está presente não apenas em escala macro, mas também no cotidiano, influenciando diretamente na reprodução da vida e determinando, sobretudo, a acumulação de capital dentro das diferentes estratégias alimentares da população.

Pode-se trazer como outra estratégia — está representando diretamente como a financeirização opera no cotidiano das famílias — a compra de alimentos por meio do cartão de crédito. Assim como o agronegócio tem sua rolagem de dívida (PITTA, 2015), as famílias brasileiras têm sua própria rolagem de dívida direcionada para a alimentação, onde é comum



realizar a “compra do mês” em hipermercados utilizando o crédito como forma de pagamento parcelado. O capital portador de juros operando num sistema de acumulação financeira que gera valor através das dívidas.

No mês seguinte, o ciclo se repete — e assim sucessivamente. A bola de neve não para de crescer, e muitas famílias continuam se afundando nesse ciclo vicioso. Outra tendência que tem surgido dentro dessas relações com a comida é o Pix no cartão de crédito, seja para pagar o próprio cartão, seja para comprar alimentos. A pesquisa “Perfil e Comportamento do Endividamento Brasileiro 2023” mostrou que, das dívidas adquiridas por meio do cartão de crédito, 59% correspondem a gastos com alimentos em supermercados. A compra de mantimentos, segundo o Serasa, tem sido a principal causa do endividamento das famílias brasileiras. Ainda sobre essa questão, a CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo) divulgou, em 2024, os resultados da Peic (Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor). Esse estudo mostrou um aumento no percentual de famílias endividadas no país, passando de 76,6% em 2023 para 77% em 2024³.

Outra forma de estratégia alimentar que muitas famílias têm utilizado é cozinhar em grande quantidade, reservando e congelando esses alimentos em marmitas que serão consumidas ao longo da semana. Essa estratégia revela que, cada vez mais, estamos sendo obrigados a disponibilizar mais horas de trabalho para conseguir nos reproduzir socialmente. A classe trabalhadora de base tem sido obrigada a abdicar de seus dias de lazer, do tempo com sua família. Por seguinte, para aqueles que conseguem custear a alimentação fora de casa, próxima ao local de trabalho ou em locais semelhantes, permanece a incerteza quanto à procedência daquele alimento. Isso nos remete à grande mudança que houve na relação das pessoas com a comida — vínculos e relações que não representavam apenas a compra de uma mercadoria, mas faziam parte do modo de vida e da forma de reprodução social de muitas famílias.

Por fim, é importante salientar que a compra de alimentos na cidade não tem se dado exclusivamente por meio da venda da força de trabalho. Ela também tem acontecido por meio do acesso a programas do governo federal, como o Bolsa Família e o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar, cujos produtos são doados a associações, centros de referência de assistência social, escolas, centros comunitários, entre outros. Programas como esses não são totalmente suficientes para garantir uma alimentação de qualidade aos grupos que

³ Ver: “Compra de alimentos é a principal causa de endividamento do brasileiro, aponta Serasa”. Disponível em: <www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em 01 de novembro de 2025.

vivem em situação de vulnerabilidade, mas se mostram importantes para essas pessoas no que tange à alimentação.

O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e os benefícios de pensão e aposentadoria pagos pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) também tem desempenhado um papel importante para a segurança alimentar de milhões de brasileiros, a principal fonte de renda de muitos domicílios que asseguram o acesso regular a alimentos, para os grupos de trabalhadores desempregados, aposentados e para a parcela da população socialmente vulneráveis.

Outrossim, o grande consumo de alimentos industrializados, por serem opções rápidas e mais baratas, tem sido cada vez mais o “caminho” escolhido pelas famílias. Esse cenário levanta uma problemática sobre a qualidade dessa alimentação, que se apresenta deficitária e causadora de várias doenças, aumentando a vulnerabilidade da saúde desses grupos. Outra problemática observada diz respeito às idas cada vez mais desafiadoras ao mercado, atividade difícil diante do aumento constante dos preços dos alimentos. Comparando preços de marcas diferentes, promoções buscando garantir uma máxima redução nos gastos por meio das restrições e adaptações referentes ao regime alimentar.

Por fim, e não menos importante, em 2023, por meio de relatório elaborado pela Prefeitura do Recife, foram identificadas cerca de 1.806⁴ pessoas em situação de rua. Ao se considerar esse grupo, a questão alimentar torna-se ainda mais alarmante, uma vez que esses sujeitos convivem diariamente com a fome, sendo obrigados a desenvolver estratégias cada vez mais desafiadoras para garantir a alimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que a crise do trabalho, resultante da acumulação ampliada do sistema econômico capitalista, tem impactado profundamente a alimentação da população periférica na cidade do Recife. A precarização do trabalho e o avanço do latifúndio para a produção de commodities, amparados pelo desenvolvimento tecnológico, têm contribuído para o aumento dos índices de desemprego. Isso significa que, cada vez mais, as famílias brasileiras têm enfrentado dificuldades para acessar o direito básico à alimentação, uma vez que se torna progressivamente mais difícil vender sua força de trabalho atualmente. Dessa forma, a fome, longe de ser um fenômeno novo, representa uma forma de escravização

⁴ Dentro desse contingente, 80% são pessoas negras, autodeclaradas pretas ou pardas.



da população negra, uma vez que as desigualdades raciais geradas pelo sistema capitalista no Brasil, desde o período colonial, permanecem até os dias atuais, manifestando-se de acordo com as particularidades de cada época e obrigando a população subalternizada e periférica a criar e recriar estratégias alimentares para amenizar essa problemática no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ABRAS - Associação Brasileira de Supermercados. **Ranking ABRAS 2025**. Disponível em: <https://www.abras.com.br/dados-ranking-2025>. Acesso em 20/10/2025.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: análise da fome no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950.

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor. Disponível em: https://static.poder360.com.br/2024/12/Relatorio_Peic_nov24.pdf. Acesso em: 20/10/2025.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do agro alcança recordes em 2021. São Paulo, 2021**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-pib-do-agro-cresce-8-36-em-2021-participacao-no-pib-brasileiro-chega-a-27-4.aspx>. Acesso em: 27 mar. 2025.

DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais**. Editora Record, 2002.

DELGADO, GUILHERME C. **Do capital financeiro na agricultura à Economia do agronegócio. Mudanças cíclicas em meio século (1965-2021)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KURZ, Robert. **Fome em abundância**. OBECO, 1996. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz24.htm>. Acesso em: 20/10/2025

_____. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **O mito da produtividade: desenvolvimento tecnológico, racionalização e desemprego**. OBECO, 1996. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz1.htm>. Acesso em: 20/10/2025.

Mitidiero, Marco A. Jr.; Yamila Goldfarb. **O Agro não é tech, o Agro não é pop e muito menos tudo**. Brasília/São Paulo, ABRA/Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2021.

PEREIRA, Mônica Cox de B. **Revolução Verde**. In: Caldart, Roseli Salete; Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio (ORGS.). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 685-689 pp.



PREFEITURA DO RECIFE; UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.
Censo da População em Situação de Rua do Recife – Relatório Final. Recife: Prefeitura do Recife / UFRPE, 2023. Disponível em:
https://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/censo_populacao_ua_recife_2023.pdf.
Acesso em: 01 de novembro de 2025.

PITTA, Fabio. “**As Transformações na Reprodução Fictícia do capital na Agroindústria Canavieira Paulista: do Proálcool à crise de 2008.**” Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, 2015.

REDE PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.** Publicado em 2021. Acesso em: 15 de maio de 2022. Disponível em >http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf.

SERASA EXPERIAN. **Perfil e Comportamento do Endividamento Brasileiro 2023.** São Paulo: Serasa Experian, 2023. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/negocios/pesquisas-e-relatorios/>. Acesso em: 10/11/2023.